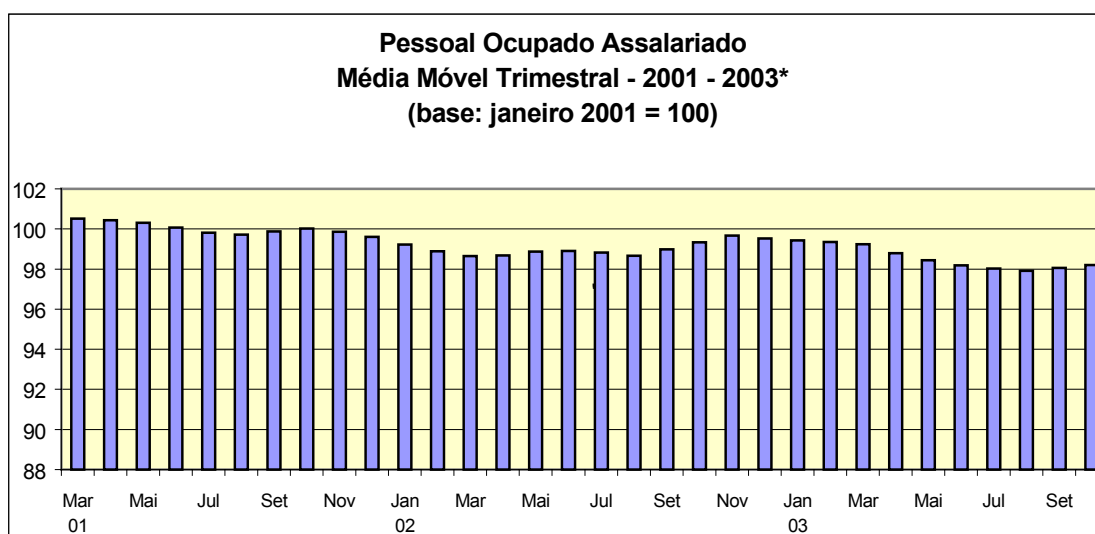


### PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em outubro, os indicadores do emprego industrial foram negativos. A série livre de influências sazonais, na comparação mês/mês anterior mostrou um recuo de 0,5% entre setembro e outubro. Em relação ao igual mês do ano anterior, a perda foi de 1,6%, taxa mais acentuada do que as registradas em agosto (-0,7%) e em setembro (-1,0%). Com isso, o emprego industrial assinalou no período janeiro-outubro queda de 0,5% e no acumulado dos últimos doze meses decréscimo de 0,4%.

Os índices de média móvel trimestral mostram que, após dois meses apontando abertura de postos de trabalho frente ao mês anterior, o recuo de 0,5% assinalado na passagem de setembro para outubro não reverte a trajetória ligeiramente positiva do emprego industrial. Segundo este indicador, há um avanço de 0,2% na passagem do trimestre encerrado em setembro para o trimestre encerrado em outubro.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

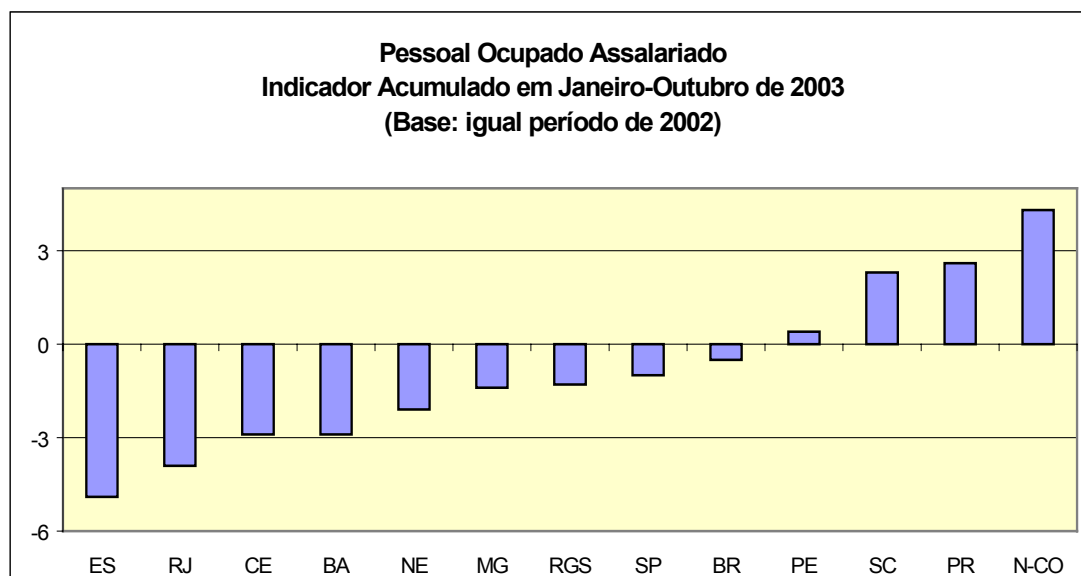
\*série com ajuste sazonal

A comparação outubro 03/setembro03, sem ajuste sazonal, revela uma redução de 0,2%, com a indústria de São Paulo (-0,9%) exercendo a principal pressão negativa. Nesse local, os ramos com queda de emprego mais significativas foram: papel e gráfica (-5,6%), fabricação de meios de transporte (-3,8%) e produtos químicos (-4,0%). A indústria do Rio Grande do Sul (2,9%) alcançou o resultado positivo de maior impacto sobre a taxa global. Em termos setoriais, foram importantes para a taxa de -0,2% observada em nível nacional, os resultados assinalados pelos ramos de vestuário (-2,6%) e papel e gráfica (-2,6%). Positivamente as maiores influências vieram de calçados e couro (4,8%) e máquinas e equipamentos - exclusive eletro-eletrônicos (2,7%).

No confronto mensal (-1,6%) foi registrada a sétima taxa negativa consecutiva, consequência de reduções observadas em onze das quatorze áreas e dez das dezoito divisões pesquisadas. Ainda na comparação outubro 03/ outubro 02, os ramos que participaram com os maiores impactos negativos na média nacional do emprego foram vestuário (-10,5%) e minerais não metálicos (-9,4%). O setor de vestuário representou também a principal pressão negativa sobre o emprego das indústrias de São Paulo, que teve queda global de 2,1%, e do Rio de Janeiro, cujo recuo chegou a 5,5%. Em contraposição, destacaram-se, em nível nacional, as influências positivas das contratações efetuadas nos ramos de alimentos e bebidas (2,2%) e de metalúrgica básica (8,9%). Regionalmente, o aumento do contingente de trabalhadores nas indústrias do Paraná (1,2%) e da região Norte e Centro-Oeste (1,3%), responde pelas contribuições positivas mais significativas. Nos dois locais, o destaque foi o ramo de alimentos e bebidas.

No indicador acumulado no ano (-0,5%), há um predomínio de taxas negativas que atingem nove locais pesquisados. São Paulo (-1,0%) permanece como destaque, dividindo com a região Nordeste (-2,1%) e o Rio de Janeiro (-3,9%) os principais impactos negativos na queda do emprego. Em contraposição, a região Norte e Centro-Oeste se mantém na liderança regional, com aumento de 4,3% no índice de emprego, influenciada sobretudo pelas admissões no setor de alimentos e bebidas (9,3%).

Na análise setorial, ainda no indicador acumulado para janeiro-outubro as demissões superam as contratações em dez ramos, com destaque para a influência negativa vinda de outros produtos da indústria de transformação (-7,8%) e de minerais não metálicos (-5,9%). Novamente respondendo pelas pressões positivas mais significativas, destaca-se a indústria de alimentos e bebidas, com ampliação de 2,3% nos postos de trabalho.

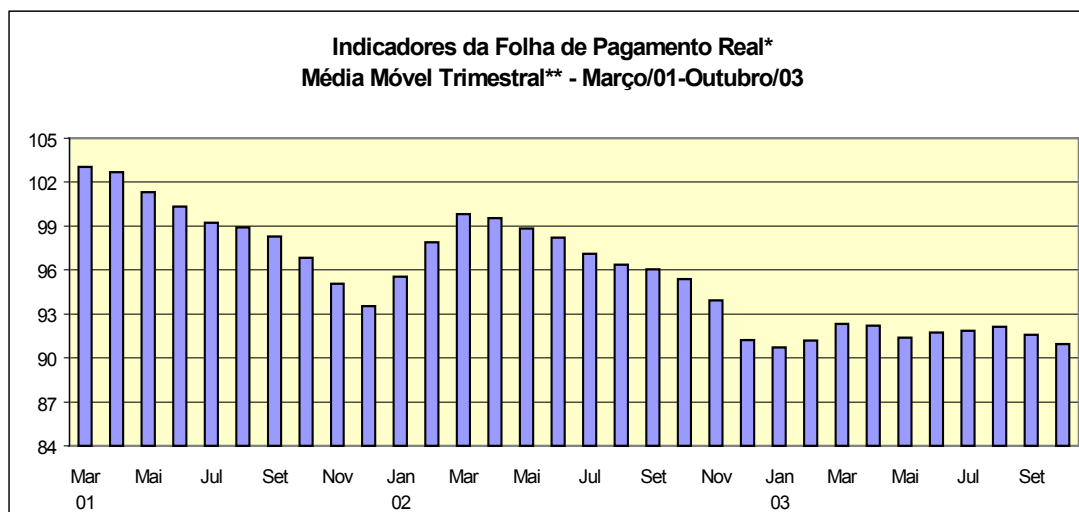


Fonte: IBGE/DPE/Coordenação da Indústria

No indicador acumulado nos últimos doze meses verificou-se uma suave desaceleração no ritmo de queda do emprego, em nível nacional, entre setembro (-0,3%) e outubro (-0,4%).

## FOLHA DE PAGAMENTO

O setor industrial mostra ligeira redução, em termos reais, no valor da folha de pagamento de seus trabalhadores na passagem de setembro para outubro (-0,1%), já descontadas as influências sazonais, sendo este o terceiro resultado negativo consecutivo. O movimento de recuo é confirmado pelo índice de média móvel trimestral, que apresenta perda de 0,7% no valor real da folha de pagamento entre os trimestres encerrados em outubro e setembro deste ano.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação da Indústria

\* Deflacionado pelo IPCA-IBGE

\*\* Série ajustada sazonalmente

Nos demais indicadores, a folha de pagamento da indústria brasileira ainda permanece mostrando perda real: -3,6% em relação a outubro de 2002, -5,9% no acumulado do ano e -5,6% nos últimos doze meses. No que tange à folha real média de pagamento também são registrados resultados negativos segundo os principais confrontos: -2,1% no mensal, -5,4% no acumulado do ano e -5,2% nos últimos doze meses.

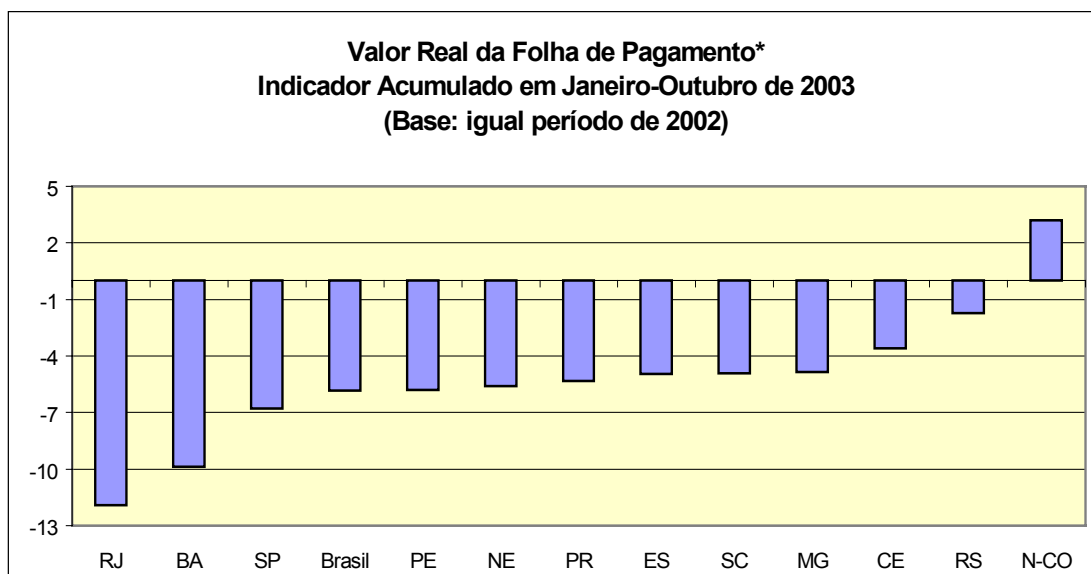
Na comparação outubro 03/setembro03, sem ajuste sazonal, observa-se crescimento de 1,9% no valor real da folha de pagamento. Setorialmente, verificam-se expansões em dez dos dezoito setores pesquisados, sendo que as principais pressões positivas vêm de máquinas e equipamentos - exclusive eletro-eletrônicos (11,5%) e metalurgia básica (5,5%). Em sentido contrário, vale mencionar o resultado adverso observado em produtos químicos (-6,2%). No corte regional, onze dos quatorze locais apresentam resultados positivos, São Paulo, com expansão de 2,4%, exerce o principal impacto positivo.

No comparativo outubro 03/outubro 02, observam-se reduções, em termos reais, na folha de pagamento em onze dos quatorze locais pesquisados. Na formação da taxa global de -3,6% as indústrias de São Paulo (-4,3%) e, conseqüentemente, as da região Sudeste (-4,8%), continuam respondendo pelas principais contribuições negativas, influenciadas, em grande parte, pelos decréscimos no setor de papel e gráfica (-17,6%, na primeira e -18,5% na segunda). Em termos de magnitude de queda, sobressai Rio de Janeiro (-10,3%), em razão, principalmente, da redução registrada na indústria extrativa (-9,9%). Por outro lado, a região

Norte e Centro-Oeste (3,4%), Espírito Santo (2,8%) e Rio Grande do Sul (0,1%) são os locais que apresentam expansão na folha de pagamento real, na comparação com outubro de 2002.

Ainda na comparação com outubro do ano passado, no total do país observam-se reduções na folha de pagamento em doze dos dezoito setores pesquisados, ficando os maiores impactos na composição da taxa global com as indústrias de papel e gráfica (-14,9%) e minerais não-metálicos (-20,4%). Dentre os seis setores que apresentam taxas positivas destacam-se as indústrias produtoras de alimentos e bebidas (3,2%), máquinas e equipamentos - exclusive eletro-eletrônicos (4,2%), refino de petróleo e produção de álcool (11,3%) e metalurgia básica (3,3%).

No indicador acumulado no ano, ainda que os resultados sejam negativos na quase totalidade (treze) dos quatorze locais pesquisados, observa-se que as quedas têm-se mostrado continuamente menos acentuadas nos últimos meses, fruto, principalmente, do recuo das taxas de inflação ao longo de 2003. Também neste confronto, as indústrias de São Paulo (-6,8%) são as que mais pressionam negativamente a indústria geral, influenciadas sobretudo pelas perdas assinaladas nos setores de papel e gráfica (-18,0%) e de máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-16,4%). Apenas as indústrias da região Norte e Centro-Oeste (3,2%) exibem ganho real na folha de pagamento de seus empregados.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação da Indústria  
\* Deflacionado pelo IPCA-IBGE

Em nível setorial, ainda no que tange ao indicador acumulado no ano, o quadro também é de perda generalizada na folha de pagamento dos trabalhadores, atingindo dezessete dos dezoito setores investigados. Na formação da taxa global de -5,9%, destacam-se com os maiores impactos negativos: papel e gráfica (-14,4%) e minerais não-metálicos (-16,7%). Com expansão figura apenas a indústria de refino de petróleo e produção de álcool (2,7%).

No que se refere à folha média real de pagamento da indústria, o indicador acumulado no ano, com uma retração de -5,4%, apresenta perdas em todos os locais, com os decréscimos variando entre o -0,1% registrado no Espírito Santo e os -8,4% do Rio de

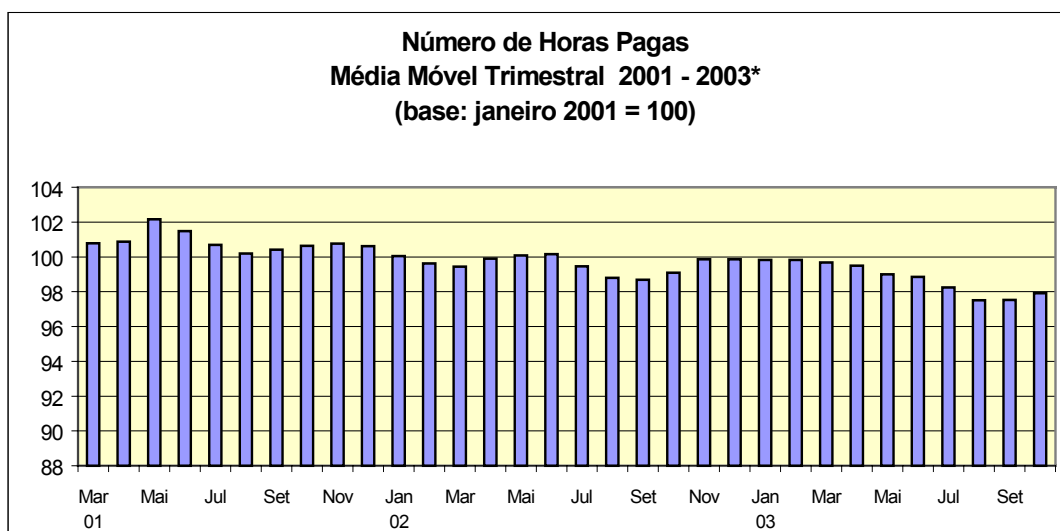
Janeiro. Em nível setorial, dos dezoito setores observados apenas borracha e plástico (0,1%) apresenta crescimento, cabendo à indústria extrativa (-14,3%), papel e gráfica (-12,4%) e de minerais não metálicos (-11,4%) as quedas mais intensas no total do país.

Por fim, a taxa anualizada, medida pelo indicador acumulado nos últimos doze meses mostra resultados negativos, com ligeira aceleração no ritmo de queda tanto no total da folha de pagamento, que passa de -5,3% para -5,6%, como na folha média (de -5,0% para -5,2%).

## NÚMERO DE HORAS PAGAS

O setor industrial, em outubro, reduz o número de horas pagas tanto na comparação com o mês anterior, já descontados os fatores sazonais (-0,1%), quanto no comparativo com igual mês do ano anterior (-1,3%). Nos indicadores para períodos mais abrangentes, os resultados também são negativos: -0,8% no acumulado do ano e -0,7% nos últimos doze meses.

Acompanhando o movimento apontado pelo emprego, as horas pagas na indústria, segundo o indicador de média móvel trimestral, também sinalizam crescimento, já que o trimestre encerrado em outubro é 0,4% superior ao encerrado em setembro.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

\*série com ajuste sazonal

Na comparação outubro 03/setembro 03, sem ajustamento sazonal, observa-se uma taxa de 1,5% no número de horas pagas. Setorialmente, há expansão em onze dos dezoito setores pesquisados, sendo que as principais influências vêm de alimentos e bebidas (2,6%), máquinas e equipamentos - exclusive eletro-eletrônicos (5,5%) e calçados e couro (5,7%). Em sentido contrário, observa-se o desempenho adverso de vestuário (-1,7%) e refino de petróleo e produção de álcool (-5,0%). No corte regional, onze dos quatorze locais apresentam resultados positivos, cabendo a São Paulo (1,4%), região Nordeste (3,7%) e Rio Grande do Sul (3,3%) os principais impactos.

Na comparação com igual mês do ano passado (-1,3%), o resultado é influenciado pela redução na maioria (doze) dos quatorze locais pesquisados. Entre aqueles que exibem redução nas horas pagas, destacam-se Rio de Janeiro (-5,4%) e Rio Grande do Sul (-2,9%), principalmente, pela queda da jornada registrada nos setores de vestuário (-18,5%) e calçados e couro (-8,5%), respectivamente. Por outro lado, Paraná (2,3%) e Pernambuco (3,3%), impulsionados, sobretudo, pelo aumento verificado no número de horas trabalhadas na indústria de alimentos e bebidas (15,8% e 7,1%, respectivamente) são os dois únicos locais que apresentam taxas positivas.

Por setores industriais, ainda no que tange ao indicador mensal, o número de horas pagas recua em nove dos dezoito setores pesquisados no total do país. As principais pressões negativas foram exercidas por vestuário (-11,4%), têxtil (-7,3%) e minerais não metálicos (-7,6%). Em contraposição, alimentos e bebidas (4,7%), metalurgia básica (7,4%) e máquinas e equipamentos – exclusive eletro-eletrônicos e de comunicações (3,4%), respondem pelas principais contribuições positivas.

No indicador acumulado do ano, a queda global de 0,8% no total de horas pagas reflete recuos em nove locais e onze setores pesquisados. A indústria paulista, com queda de 1,4%, é a que mais pressiona negativamente o índice nacional. Do lado positivo, figuram como principais impactos no total de horas pagas, as indústrias do Paraná e da região Norte e Centro-Oeste, que expandem em 3,5% e 3,0%, respectivamente. Em nível setorial, as quedas que mais influenciam a taxa da indústria geral são registradas nos segmentos fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-9,2%), têxtil (-5,3%) e minerais não metálicos (-5,5%), enquanto os aumentos mais significativos são observados nos setores alimentos e bebidas (3,2%) e máquinas e equipamentos – exclusive eletro-eletrônicos e de comunicações (5,7%).

No que se refere ao indicador acumulado nos últimos doze meses, este ainda é negativo para o total de horas pagas (-0,7%). Dentre os dezoito setores pesquisados, onze registram retração nas horas pagas pela indústria, com destaque para as performances adversas de fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-9,1%), máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-6,1%), minerais não metálicos (-5,3%), vestuário (-3,9%) e têxtil (-4,8%). Por outro lado, o principal impacto positivo vem de alimentos e bebidas, com expansão de 3,8%. Por locais pesquisados, a maior influência negativa é determinada pelo recuo observado em São Paulo (-1,5%). Dentre os cinco locais que apresentaram crescimento, a região Norte e Centro-Oeste (3,3%) e Paraná (3,5%) são os que mais influenciam positivamente o resultado da indústria geral.